



TEMPO, ESPAÇO E MUNDO NO JOVEM FINK*

Time, space and world by the young Fink

MARC RICHIR**

Tiempo, espacio y mundo en el joven Fink

Resumo: Nesse artigo visionário, Marc Richir apresenta – talvez pela primeira vez na história da recepção da obra de Eugen Fink – uma leitura detalhada e ao mesmo tempo abrangente das inovações com as quais o jovem Fink já anunciava sua reviravolta nas análises da consciência husserliana e na fenomenologia em geral. Ele parte das propostas de Fink em sua tese de doutorado, *Presentificação e Imagem*, e de algumas notas de trabalho da mesma época (1929-1930), ainda inéditas em português.

Palavras-Chave: Despresentificação, Recordação, Rememoração.

Abstract: In this visionary paper, Marc Richir presents – perhaps for the first time in the history of the reception of Eugen Fink’s work – a detailed and at the same time comprehensive reading of the main innovations with which the young Fink announced his turnaround in the context of Husserlian consciousness analysis and of phenomenology in general. He starts from Fink’s PhD thesis, *Presentification and Image*, and from some work notes of the period (1929-1930), still unpublished in Portuguese.

Keywords: Despresentification, Souvenir, Remembrance.

Resumen: En este artículo visionario, Marc Richir presenta – quizás por primera vez en la historia de la recepción de la obra de Eugen Fink – una lectura detallada y al mismo tiempo puntual de las innovaciones con las que el joven Fink ya anunciaba su radicalización de los análisis husserlianos de la conciencia y de la fenomenología en general. El autor parte de las propuestas de Fink en su tesis doctoral, *Presentificación e Imagen*, y de algunas notas de trabajo de la misma época (1929-1930), aún inéditas en portugués.

Palabras-Clave: Presentificación, Rememoración, Remembranza.

* Referência da publicação original: Richir, M. Temps, espace et monde chez le jeune Fink. Em M, Richir & N, Depraz (1997), *Eugen Fink. Actes du Colloque de Cerisy-la-Salle. 23-30 juillet 1994*. (pp. 27-42). Amsterdam: Rodopi. Tradução do francês por Anna Luiza Coli, José Fernandes Weber e Giovanni Jan Giubilato.

** Filósofo belga (1943-2015).



I. Temporalização e Espacialização em “Presentificação e Imagem”

É realmente surpreendente que, no final dos anos de 1920, quando era ainda muito jovem, Fink tenha revirado do avesso a fenomenologia de Husserl como ele fez, mantendo-se todavia fiel ao seu espírito – e não menos surpreendente, uma vez que se trata de uma lição para a atualmente tão ameaçada liberdade de filosofar, que Husserl tenha aceitado essa reviravolta ao publicar *Presentificação e Imagem* (Fink, 2019) no anuário sob sua direção.¹ Lendo esse texto com atenção, não podemos deixar de perceber que ele propõe respostas originais às aporias de *Lições sobre a consciência interna do tempo* (Husserl, 2017), que tinha acabado de ser publicada por Heidegger no mesmo anuário, em 1928. Essas aporias, como se sabe, são devidas à relativa abstração das análises husserlianas, abstração do *Jetztpunkt* (ponto-ágora) e do *Zeitpunkt* (ponto temporal) no fluxo uniforme do decurso de um *Zeitobjekt* (objeto temporal).

A primeira inovação de Fink, seguida de uma cadeia de outras inovações que em breve analisaremos, diz respeito à concepção de despresentificação (*Entgegenwärtigung*), não enquanto intencionalidade de ato, mas enquanto intencionalidade *de horizonte*. Trata-se, como escreve Fink, de toda intencionalidade “que constitui os horizontes viventes tais como a retenção, a protensão e a apresentação. Tais horizontes não são nem apresentações (*Gegenwärtigungen*), nem presentificações (*Vergegenwärtigung*), mas... despresentificações” (Fink, 2019, p. 51). Ao invés de partir, como Husserl, da *Urimpression* (impressão originária) ou da *Urempfindung* (sensação originária) do presente de vivências para encarar as retenções como sua modificação temporal, Fink *parte desses horizontes de despresentificação* para pensar que “toda vivência é o que é apenas nos horizontes abrangentes do anterior e do posterior (*in umpannenden Horizonten des Vorher und Nachher*)” (Fink, 2019, p. 53). Desse modo, ele restabelece certo equilíbrio, rompido por Husserl ao se dedicar muito pouco àquelas protensões que, entre retenções e protensões, e enquanto intenções, se estendem sobre os horizontes de despresentificação – soterrando as retenções no esquecimento, e pré-figurando as protensões em um futuro subtraído; – esses horizontes são originários na medida em que “as despresentificações são a modalidade de temporalização da própria temporalidade originária” (Fink, 2019, p. 54). Isso significa, nos nossos termos, que não há presença sem que haja nela *horizontes de ausência* – e observemos ainda, sem nos demorar sobre isso, que a apresentação faz parte desses horizontes, o que é apropriado à abertura de novas possibilidades na elaboração da constituição do outro. Isso também significa que esses horizontes são *constitutivos* na medida em que as despresentificações “apenas margeiam continuamente uma impressão e a entrelaçam à estrutura do fluxo de consciência”, constituindo, portanto, a “condição de possibilidade de toda objetualidade” (Fink, 2019, p. 55). Mesmo que, nessas páginas (Fink, 2019, p. 53-55), Fink se mostre às vezes um tanto constrangido por sua fidelidade a Husserl, isso não o impede de concluir dizendo que a despresentificação em geral é uma *consciência de horizonte*, e que “o passado é *temporalizado* enquanto fenômeno *horizontal unitário* na despresentificação que lhe corresponde” (Fink, 2019, p. 55 – grifos nossos): é sob esse horizonte que a retenção pode aparecer como retenção de um conteúdo fugidivo no passado – ao que Fink se refere como “maiores ou menores relevos afetivos” (Fink, 2019, p. 55).

Nessa perspectiva, a própria presentificação aparece como uma penetração nos horizontes de latência das despresentificações, e como apresentação de um despresentificado (Fink, 2019, p. 54). Essa estrutura, portanto, é válida para a redefinição da rememoração (*Wiedererinnerung*) e da recordação antecipativa (*Vorerinnerung*).

Enquanto apresentação particular de um despresentificado, a rememoração tem o caráter de doação do seu objeto *enquanto passado*, em uma *Selbstheitlichkeit* (ipseidade) original, em que aquele que rememora está “por assim dizer, no próprio passado e em meio à situação munda na passada”, mas sem que isso possa ser identificado a uma consciência de imagem (*Bildbewusstsein*). (cf. Fink, 2019, p. 55-56). Fink afirma, com toda razão, que “a rememoração não tematiza inicialmente nem um objetivo imaginativo nem um ato imaginado e imanente, mas a mundanidade circundante (*Umweltlichkeit*) egológica na medida em que ela já aconteceu, é passado.” (Fink, 2019, p. 61, grifos nossos). Está aí presente sempre uma parte de motivação, ou seja, de associação ou, em termos husserlianos, de síntese passiva. E o “na medida em que é passado” significa que “o mundo da recordação tem, no entanto, um campo de presença inteiramente diverso daquele mundo circundante passivamente constituído do Eu presente” (Fink, 2019, p. 61), e isso porque, digamos, ele aparece na rememoração *dotado de uma distância própria em relação ao passado*, a qual não se reduz às “deformações” que provocam suas motivações. Nos nossos termos, a rememoração como *Gegenwärtigung* (apresentação) de um *Umwelt* (mundo circundante) despresentificado é a re-temporalização, na presença, desse *Umwelt* enquanto *passado* e, portanto, de uma fase da presença passada do mundo. Constitui um eterno problema fenomenológico o de saber qual é o papel desempenhado aí pela imagem (*Bild*) e pela

¹ *Presentificação e Imagem* foi a tese de doutorado que o jovem Fink apresentou a Husserl em 1929, tendo Heidegger como segundo avaliador. Sua primeira publicação se deu no *Jahrbuch* (anuário) de Husserl em 1930. [N.T.]



faculdade de imaginação (*Ein-bildungs-kraft*), tanto mais porque, como vimos, é o *próprio Umwelt* que aí se dá, mas enquanto passado.

Fiel à ênfase dada à consciência de horizonte, Fink notavelmente acrescenta que “de modo algum é possível esgotar, pela recordação, a totalidade do passado transcendental” (Fink, 2019, p. 68). Não há um início da consciência que seja acessível à rememoração, uma vez que não apenas a intenção da rememoração salta por sobre os “pontos mortos” e as “lacunas” do próprio mundo da recordação (Fink, 2019, p. 67), mas ainda, e principalmente, pelo fato de que a cadeia de recordações “cessa no momento em que se perde numa escuridão intransponível e impenetrável” (PI, 68). Fink chega a dizer que “mesmo Deus não é capaz de resgatar a totalidade do seu passado por meio da rememoração” (Fink, 2019, p. 68). Dito de outro modo, sempre segundo Fink: “a infinitude do passado consiste essencialmente em uma *escuridão que precede toda e qualquer rememoração possível*” (Fink, 2019, p. 68, grifos nossos). Enigma do nascimento que será, como se sabe, retomado na *VI. Meditação Cartesiana*, mas que indica suficientemente o fato de que *a distância do passado é horizontal e irredutível*. Nesse sentido, a rememoração que parece contrariar a despresentificação em sua apresentação, na verdade a reforça. Ou melhor, para dizer com nossas palavras: o que acontece de todo modo é que, através dessa inconvertibilidade de princípio do passado em rememoração, o passado do nascimento – passado indeterminado, de duração indefinida e constitutivo do mundo – é um *passado transcendental*. Ou seja, ele é, para nós, um passado que *nunca foi presente* – e por isso é que o mundo parece sempre já constituído (cf. Fink, 2019, p. 69). Esse horizonte de despresentificação último e originário talvez seja aquele horizonte no qual o horizonte das despresentificações retencionais por assim dizer se encadeia.

No que diz respeito à recordação antecipativa, Fink escreve desde o início que ela é, “segundo seu sentido, referida ao futuro” (Fink, 2019, p. 69), e que, diferentemente da rememoração que se refere ao passado, ela se refere à possibilidade. Ele acrescenta que a recordação antecipativa é, “de certo modo, um salto (*Vorsprung*) na direção da projeção futura já horizontalmente temporalizada, e traz à luz aquilo que *ali acontece de modo obscuro*” (Fink, 2019, p. 69, grifos nossos). Não se trata, portanto, de uma projeção ou de um pro-jeto na direção de um futuro ainda vazio mas, sobre o pano de fundo horizontal da despresentificação originária do futuro, diz respeito à antecipação daquilo que *já* está em vias de acontecer, com e na obscuridade da sua *distância em relação ao futuro*. Como afirma Fink com muita clareza, “na recordação antecipativa, portanto, já é *agora* aquilo que, na verdade, ainda não foi” (Fink, 2019, p. 70). A recordação antecipativa é, assim, de fato presentificação, apresentação, temporalização na presença (na fase da presença) daquilo que, a partir do futuro, permanentemente nos espera em sua obscuridade; nesse sentido, ela é a pré-doação (*Vorgegebenheit*) do que está em vias de acontecer (Fink, 2019, p. 70), sendo que essa pré-doação não significa que o esperado “seja” de antemão, de uma maneira qualquer, isto é, como um *datum* já fixado, *vorhanden* (disponível), que amortizaria a distância em relação ao futuro.

Independentemente das ambiguidades do texto de Fink (estaria ele amenizando seu pensamento para não ferir Husserl, ou estaria ainda em jogo uma dependência em relação a este?), ambiguidades estas que não poderemos analisar aqui em detalhes, é novamente surpreendente que a ênfase seja colocada sobre a consciência do horizonte, sobre a irredutibilidade da distância em relação ao futuro como horizonte de despresentificações específicas. Resta, todavia, uma ambiguidade global, que podemos indicar de duas maneiras correlatas. Por um lado, Fink poderia ter insistido, como ele fará na *VI. Meditação Cartesiana*, na irredutibilidade e sobretudo na inconvertibilidade do futuro em recordações antecipativas, em especial a respeito do futuro indeterminado da morte, uma vez que ele o fez a respeito do passado, no caso do nascimento. Ele teria obtido aí um *futuro transcendental* enquanto futuro daquilo que *jamais será presença*, um horizonte de despresentificação último e original, no qual poderia se encadear o horizonte de despresentificações protencionais. Por outro lado, permanece paradoxal falar em “recordações antecipativas”, do mesmo modo que mais paradoxal ainda será, como veremos a seguir, falar em “recordação do presente” (*Gegenwartserinnerung*). Se por *Vorerinnerung* (recordação antecipativa) entende-se aquilo que é chamado a se transformar em recordação (retenção) e depois em rememoração, e que alcança o presente de modo significativo, não estaria o peso do passado já demasiadamente deslocado sobre o futuro? Teria Fink sido conduzido a essa designação para evitar assimilar a antecipação a uma consciência de imagem? Por maior que seja nossa perplexidade, devemos admitir que há uma correlação entre a ausência de consideração, da parte de Fink, de um futuro transcendental e a caracterização disso que nomearemos aqui *premonição* para o termo *Vorerinnerung*, uma pré- ou pró-recordação.

Como já indicamos, nossa perplexidade não é menor em relação à noção fundamental de *Gegenwartserinnerung*, a recordação de presente. Fink introduz essa noção para explicar o caráter de mundo na *Gegenwärtigung* (presentação), bem como na temporalização do mundo na forma do presente. Depois de ter mostrado, seguindo Husserl, que a redução estrita ao conteúdo puramente presente das percepções arruinaria completamente o sentido objetivo da toda objetualidade, pelo fato de que as potencialidades “atuam, com efeito, no mesmo sentido das intencionalidades que informam sobre o presente, do mesmo modo que as próprias percepções” (Fink, 2019, p. 74), Fink ressalta que não há presente no mundo sem “motivações apresentantes”² incluídas em toda intencionalidade (Fink, 2019, p. 74). E coloca então a questão à qual responde implicitamente pela afirmativa: “Talvez pertença ao sentido mais autêntico

² Em questão estariam aqui as motivações que tornam algo presente. [N.T.]



do apresentar o fato de que ele também tem em si uma horizontalidade em relação à qual ele estabelece uma relação análoga àquela entre a recordação e o passado, entre a antecipação memorativa e o futuro” (Fink, 2019, p. 74). Longe de conduzir à conversão (demasiado imprudente, como o que vem sendo feito tão alegre e amplamente nos dias de hoje na França) da apresentação em presentificação, isso nos leva, ao contrário, a aceitar a existência de uma distância horizontal na *própria presença*. Com efeito, Fink escreve que “é somente a partir desse ponto que a conexão de espaço e tempo poderia ser radicalmente elucidada. O ‘espaço’ [...] não é primariamente um momento dos objetos, mas o ‘em que’ (*Wohin*) que lhes torna possível, a *horizontalidade do presente*.” (Fink, 2019, p. 74, grifos nossos). Há, portanto, uma *espacialidade do presente* (da presença) e, assim, acrescentemos, poderia haver igualmente uma espacialidade do passado e do futuro. Mas por qual mediação?

Segundo Fink, precisamente pela mediação da recordação de presente. O *Umwelt*, escreve Fink, é um espaço circundante (*Umraum*) que nos circunscreve (*umringend*) (Fink, 2019, p. 75), e seu campo se abre sobre um *horizonte aberto* que “se dá, em primeiro lugar, como potencialidade de um possível penetrar aí” (Fink, 2019, p. 75), ou seja, como horizonte de explorações possíveis do *Umwelt* enquanto campo de presença. Nesse contexto, a recordação de presente é a exploração do horizonte de presença aberto na medida em que ela é simplesmente presentificada (cf. Fink, 2019, p. 75). É, por exemplo, aquilo que presentificamos a nós mesmos como estando acima ou para além das montanhas, e que não é atualmente visto. Nesse sentido, isso poderia ser tanto uma recordação antecipativa, caso eu nunca tenha estado lá, quanto uma rememoração, no caso contrário. Há, portanto, na recordação de presente, uma despresentificação originária que se articula com a despresentificação na recordação antecipativa e na rememoração. A recordação de presente é uma espécie de apresentação originária de co-presentes do mundo atualmente não-presentados; ela é, portanto, originalmente e potencialmente *plural*, articulada, acrescentemos, à experiência sempre possível do outro e distribuída no *espaço* ou, antes, na *espacialidade do mundo* (Fink, 2019, p. 76). Isso é o que *mantém* unido, ao mesmo tempo, *simultaneamente*, todos os co-presentes possíveis do mundo, quer eles sejam ou não presentificados na recordação de presente. A *ausência* (da despresentificação), portanto, *já está na presença*, ela é irredutível e horizontal pelo fato de que ela não é, por princípio, totalmente convertível em recordação de presente, além de ser propriamente *espacializante*. Deste modo, é por meio da recordação de presente que a rememoração e a recordação antecipativa se articulam *igualmente* à presença. Ou melhor, é pela espacialização originária e despresentificante da presença e na presença que a distância do passado e a distância do futuro são ainda distâncias em relação ao mesmo mundo, e que o mundo da rememoração, tal como o mundo da recordação antecipativa, sejam *ainda e já* o mundo, irredutíveis à irrealidade da presentificação de imagem. A parte de ‘intuitividade imaginária’ que existe tanto em um como no outro permanece um problema fenomenológico verdadeiramente formidável.

Resta saber a razão pela qual Fink fala de uma “recordação de presente”, expressão paradoxal – que poderíamos traduzir por “interiorização” de presente, caso Fink tivesse insistido nisso, mesmo que com um hífen entre ‘er’ e ‘innerung’³ –, quando ele poderia muito bem ter falado de apresentação do presente, ou mesmo de apresentação do co-presente. A razão disso seria o fato de que ele vê aí, na recordação de presente, o ponto de articulação entre a rememoração e a recordação antecipativa? Qual a razão desse peso implícito sobre o passado quando, na verdade, trata-se aí da simultaneidade de presentes possíveis? Seria pelo fato de que o mundo se dá sempre como sendo já *constituído* e porque haveria aí um atraso na origem da presentificação na recordação de presente sobre o próprio co-presente, desde sempre já constituído? Veremos que este é de fato o pensamento mais profundo de Fink, mas a questão é que talvez haja aqui uma confusão entre *Umwelt* e *Welt*. Qual seria, finalmente, a diferença entre apresentação e presentificação? Esse é um ponto crucial, uma vez que não pode existir apresentação sem despresentificação, como vimos, e uma vez que a presentificação é sempre a presentificação de uma despresentificação originária. Essa função é cuidadosamente afastada por Fink no momento em que ele agrupa as presentificações temporais sob o termo genérico de recordação. Ter-lhe-ia faltado outra concepção de imaginação, de uma “imaginação sem imagem”?

No que diz respeito à questão da imaginação, todavia, Fink nos oferece um esclarecimento importante. Ele escreve: “quanto mais o Eu atual estiver absorvido na execução de uma presentificação, tanto menos a intuitividade do mundo da presentificação terá o caráter do como-se, do meramente-imaginado.” Ou ainda: “quanto maior o absorvimento, tanto mais se forma a aparência do apresentar” (Fink, 2019, p. 86). E Fink cita, dentre outros, o exemplo das “imaginações patológicas” – pensemos aqui nos casos de psicose. Por outro lado, ele acrescenta, “unicamente no estado de vigília de um Eu atual é que o ato de presentificar pode, em contraste com o caráter de intuitividade dos objetos efetivamente experimentados, ser evidenciado como um quase-experimentar; assim se constitui para o Eu o caráter do como-se. Somente na atitude de vigília as coisas imaginadas são experimentadas conjuntamente *como* imaginadas, a irrealidade como irrealidade.” (Fink, 2019, p. 87). Em oposição estão, portanto, a experiência da vigília e a experiência do sono e, neste, a experiência do sonho, no qual o mundo, como escreve Fink, é possuído “no modo de extrema absorção”, estando o ego de tal modo absorto no e pelo sonho, que tudo se passa conforme as

3 A fração ‘innerung’ de *Erinnerung* tem o sentido de ‘interiorização’, o que constitui parte do sentido da palavra alemã *Erinnerung*, traduzida como ‘recordação’. Para maiores detalhes sobre a escolha dessa tradução, cf. “Nota à tradução brasileira” em Fink, 2019, pp. 22-23. [N.T.]



sínteses passivas (Fink, 2019, p. 95). Aí, poderíamos dizer, não há mais nenhuma diferença precisa entre apresentação e presentificação, visto que a experiência presentante supõe a *distância*, o hiato da ausência própria à espacialização despresentificante, às apreensões intencionais apresentantes compartilhadas, e essa distância é o *despertar* que preserva o ipse, o ego, de sua absorção no mundo “presentificado”. Ali onde a distância interna colapsa com a presença – e transforma ao mesmo tempo todo o conteúdo fenomenológico da *intuitividade* em presença –, surgem essas “lacunas” da temporalização e da espacialização próprias tanto aos sonhos quanto às diversas patologias “psíquicas”. Mas isso não deve levar ao nada, visto que Fink indica justamente que, por exemplo, “na incoerência de um acontecimento ilógico do mundo do sonho se revela a *coerência de um mundo caótico*” (Fink, 2019, p. 96, grifos nossos).

II. Tempo, Espaço e Mundo nos Inéditos de 1930-1934

Agora que dispomos dos elementos da “doutrina” de Fink ao final dos anos 1920, é chegado o momento de seguir, por meio de alguns de seus textos inéditos, o traçado de sua especulação deveras ousada sobre o tempo, o espaço e o mundo. Observemos de início que o que se segue deve ser tomado por “proposições” e não constitui em nada um estudo exaustivo, tal como o empreendido por R. Bruzina e G. Van Kerckhoven. Nossa ênfase recairá, portanto, sobre o aspecto “especulativo”, ou seja, filosófico, da primeira fenomenologia de Fink, a fim de investigar até onde ele pode conduzir a fenomenologia, acrescentando aí que esse aspecto certamente será encontrado nos cursos do pós-guerra – cuja publicação progressiva é devida aos bons cuidados da senhora Fink e de F. A. Schwartz –, mas eventualmente com menos vigor e menos frescor; em todo caso, diriam alguns, com menos ingenuidade.

Em uma observação datada de Chiavari, 21/09/1930⁴ e dedicada à recordação de presente, Fink, ciente de inverter o ponto de partida husserliano, declara que “os horizontes são ao menos estritamente tão precoces quanto as ‘percepções’”, na medida em que são “primariamente “retiradas” (*Entziehungen*)” (Fink, 2008, p. 39). Penetrar (*eindringen*) nos horizontes de retirada, ele acrescenta, é descobrir o retirado (*Entzogen*), mas não a própria retirada (Fink, 2008, p. 39), o que, para retomar a distinção entre o temático e o operatório, sempre operou de modo a ser omitida pelo temático, ou seja, pelo conteúdo (*Inhalt*). Ora, sabemos que a descoberta da retirada é presentificação e, em particular, a “recordação de presente”. A descoberta da própria retirada, portanto, só pode proceder de uma tematização da operatividade da retirada, o que de início é uma nova reflexão que, ao invés de se prender ao *Inhalt*, dirige-se ao *Enthalt*, que traduziremos, por falta de opção melhor, por “contenente”⁵. Isso é o que Fink designava em *Presentificação e Imagem* (Fink, 2019, p. 41) como o “para onde” (*Wohin*). Dessa forma se esclarece o status da “recordação de presente”: ela é “simplesmente a *consciência de acesso*, e de modo algum a consciência constituinte, *do horizonte do presente*” (Fink, 2008, p. 39, grifos nossos). E Fink acrescenta: “Na recordação de presente intui-se (*veranschaulichen*) o *simultâneo*, e todavia *espacialmente* inacessível. A experiência originária só pode perceber posteriormente aquilo que está, no presente, dado simultaneamente (se ainda o está!). Aqui, então, o ente e a experiência originária (a acessibilidade na experiência) se separam. Aquilo que é espacialmente subtraído (*entrücken*) é, portanto, já o presente, o agora (*Jetzt*), por sua vez simultâneo à minha experiência de agora, que se refere ao recorte de mundo (*Weltausschnitt*) que me é presente” (Fink, 2008, p. 40). Por conseguinte, há aí algo sempre já sido precedentemente (*vorhergewesen*), e esta é, segundo Fink, a função *constituente de um horizonte* e, nesse caso, a do espaço enquanto despresentificação (cf. *ibid.*).

Meditemos sobre essas poucas linhas porque elas certamente valem o esforço. De início, contrariamente ao que se observa ao menos nas análises de Husserl, não é a consciência que atua como constituinte do horizonte, mas o próprio horizonte atua como constituidor da consciência. No caso da recordação do presente, atuante é o *espaço como despresentificação*, ou seja, como horizonte de ausência, de inacessibilidade presente. Isso significa que há, na presença de mundo, co-presenças que o espaço mantém unidas na condição de *Enthalt*, de contenente, mas nas quais eu não estou e não posso estar presente. Isso é o que motiva o termo “recordação de presente”, ainda que de maneira paradoxal: a inacessibilidade espacial dos co-presentes do mundo *não* significa sua inacessibilidade *temporal* a essas presentificações, que são as recordações do presente – e estas só o podem ser porque elas presentificam os co-presentes sempre com um *atraso em relação a eles*, e mesmo *em ausência inicial*, caso um ou outro co-presente não tenha jamais sido temporalizado presentemente na experiência efetiva da consciência. A recordação do presente é, portanto, a recordação de um co-presente sempre já passado na presentificação e, assim, eis o paradoxo, de um co-presente que pode de fato ser presumido na medida em que ele pode muito bem nunca ter tido uma apresentação original. A partir disso se separam, portanto, na experiência, o que resulta do ente (presente, *atualmente visado*), e o que resulta da acessibilidade. Por sua vez, essa acessibilidade não procede, como se

4 O material citado era inédito à época da redação do texto de Richir, e foi citado seguindo uma seleção feita por Ronald Bruzina (provavelmente na ocasião do *Simpósio-Fink*, realizado em 1985 na *Pädagogische Hochschule* de Freiburg), seleção a partir da qual Richir traduziu e publicou, em francês, os fragmentos ora citados. A referência da tradução francesa é: FINK, Eugen. “Sur le concept phénoménologique de Monde” (1930 e 1934), Esquisses pour l’écrit: “Monde et concept de monde, une recherche théorique du problème” (1935), tradução de Marc Richir. In *Les cahiers de Philosophie* n.15/16: *Le monde – de la phénoménologie à la politique*. Inverno de 1992/93, Lille, pp. 71-88. O mesmo material, no original em alemão, foi publicado no contexto das *Obras Completas* de Fink (EFGA); cf. Fink, 2008. As citações feitas aqui por Richir, em sua tradução para o francês, foram cotejadas com os originais em alemão, agora disponíveis. [N.T.]

5 “*Tenant*” no original em francês, no sentido do que contém, ao contrário do que é conteúdo (*Inhalt*). [N.T.]



vê, daquilo que um heideggeriano demasiado ávido por uma conclusão compreenderia como *Vorhandenheit* (subsistência) do mundo, mas de possibilidades múltiplas e infinitas do mundo que entram em jogo desde a presentificação originariamente em curso na espacialização do mundo. Sem poder apreender a totalidade de tais possibilidades, totalidade esta puramente intelectual (ou ideal), visto que tais possibilidades não podem ser inteiramente convertidas em presentificações, a consciência só pode, por assim dizer, sobre a base de sua acessibilidade, presentificar aí algumas dessas possibilidades segundo um *atraso originário* coextensivo à presentificação em determinadas “recordações de presente”. Por meio deste notável paradoxo de um atraso na origem da temporalização originária em relação à espacialidade originária interna à presença, podemos abandonar nossas perplexidades quanto à escolha finkeana da expressão “recordação do presente”⁶ se a compreendermos como presentificação original de uma despresentificação originária (originariamente espacializada) que *jamais* foi apresentada. Poderíamos acrescentar ainda que a abertura a esse horizonte como “potencialidade da *irrupção possível*” reforça, na medida em que se trata de irrupção, ou seja, de acontecimento, aquilo que H. Maldiney chamou *transpassibilidade*, a recordação de presente que reenvia arquitetonicamente aquilo que é trans-possível na transpassibilidade ao registro da possibilidade da presentificação.

Trata-se, portanto, em relação à espacialidade despresentificante originária do mundo, do que ao menos diz respeito a uma dimensão do mundo *como* mundo: trata-se de uma retirada originária, de uma ausência na própria origem em que o mundo se dá como mundo, ou seja, o mundo como horizonte, como aquilo que tem ou contém já e sempre toda experiência ótica, a partir de seu estar fora (*Aushalten*) enquanto *Enthalt*. A partir daí podemos ler essa proposição fundamental de Fink: “A intencionalidade de campo como condição de possibilidade da intencionalidade de ato é um manter-se-fora (*Aushalten*) preliminar do conteneúdo (*Enthalt*) para os ‘conteúdos’ (*Inhalte*)” (Fink, 2008, p. 14). Ao nomear esse “manter-se-fora” (*Aushaltung*) como “extensionalidade”, Fink acrescenta: “toda consciência intencional (como intencionalidade de ato) se funda sobre a consciência extensional, que é não temática” (Fink, 2008, p. 15). E ele propõe a seguinte classificação: “1) A intencionalidade de ato e as modificações modais; 2) as habitualidades; 3) a extensionalidade; 4) as despresentificações” (Fink, 2008, p. 15). Segundo Fink, as primeiras e as segundas caracterizam a consciência quanto ao seu conteúdo; a terceira e as quartas não têm conteúdo, não assinalam nada, o que não poderia ser diferente, uma vez que elas são consciências de ausências. No entanto, afirma Fink, a extensionalidade (a intencionalidade de campo) é o que torna possível a intencionalidade de ato e suas modificações, da mesma forma que as despresentificações tornam possível as habitualidades. É, com efeito, no campo de presença (o mundo), cuja maior parte está ausente, está retirada e mantida fora como *Enthalt*, que qualquer coisa de presente pode ser tematizado juntamente com seu sentido no ato intencional e suas modificações. Do mesmo modo, os hábitos sedimentados da consciência estão aí em algum lugar, mas não na atualidade da consciência que se reflete na presença, visto que eles por princípio e frequentemente lhe escapam: se eles estão aí em alguma parte, estão para fora da consciência, no lugar ao qual lhes atribuem as despresentificações. E não se pode estar seguro – ao contrário do que Husserl nunca deixou de pensar – de encontrar no passado aquilo que deveria ter sido e, por reativação, de encontrar no passado o que teria sido projetado, como a fonte presente dos hábitos. Associados às despresentificações, os hábitos poderiam muito bem ser *originários* – e isso é o que designamos, de nossa parte, pelo que interessa em sua doação sem origem, muitas vezes inapercebida, de *instituição simbólica*.

Sobre o primeiro registro, a saber, o da tematização em um campo, Fink traz ainda precisões de grande utilidade. É necessário retornar ao “modo a cada vez (*die jeweilige Weise*) do livre oferecer-se (*Freibietung*) à instauração dos objetos sensíveis” (Fink, 2008, p. 18), ou seja, retornar à intencionalidade de campo como “estrutura do mundo” (Fink, 2008, p. 18). Nesse sentido, antes de falar do espaço em geral, é necessário pensar, por exemplo, o espaço óptico como “modo do espaço relativo ao livre oferecer-se para a instauração do visível” (Fink, 2008, p. 18) e o espaço acústico como “modo do livre oferece-se para a instauração do audível” (Fink, 2008, p. 18), o que se distancia fortemente da doutrina husserliana, que tomava a duração do som como paradigma de objeto temporal (*Zeitobjekt*). Isso modifica completamente o pensamento da temporalização, libera a fenomenologia dos ingredientes do sensualismo ainda presentes em Husserl e confere um estatuto inteiramente diverso à *hyle* perceptiva. Fink escreve, com efeito, em uma nota intitulada ‘som-silêncio’: “A intencionalidade de ato do ouvir se funda no manter-se-fora do silêncio (i.e., na extensionalidade). A *extensionalidade é despertar*: essa é razão pela qual o sono não tem vivências originárias impressionais, pois ele é em si mesmo *a volta do manter-se-fora*. Daí o problema temporal (*temporal*) da extensionalidade! A ‘realidade efetiva’ não é um momento nos objetos, mas *condição prévia*; o ‘presente’ não é um momento nos objetos, mas *condição prévia*; estariam ‘realidade efetiva’ e ‘presente’ em conexão com a ‘extensionalidade’? Essa triplicidade é uma unidade. ‘Presente’ e ‘extensionalidade’: a tese kantiana da imaginação como ingrediente da percepção! Presente, extensionalidade e despresentação? Sua unidade: unidade de oscilação (*Schwingungseinheit*) do tempo vazio. Debilidade (*Brüchigkeit*) do tempo vazio: preenchimento do tempo como ‘constituição’! A unidade de oscilação: do presente-extensionalidade como ‘realidade efetiva’ ao sentido estrito; do passado-presente (extensionalidade)-futuro como realidade efetiva ao sentido amplo: ‘possibilidade’ como ‘não-realidade efetiva’. Problema da unidade total do tempo: realidade

⁶ Tratamos desse problema em nossas *Méditations phénoménologiques*. Grenoble: Millon, 1982. Ver em particular a 5ª Meditação, §1.



efetiva e não-realidade efetiva!” (Fink, 2008, p. 16).

Aqui trata-se uma vez mais de uma dessas notas sobre as quais é necessário refletir, seguindo passo a passo o movimento. Se o silêncio é a base sobre a qual o som irrompe, isso se deve ao fato de que o silêncio é ‘extensional’, ele ‘se mantém-fora’, como campo ou como espaço sonoro, como *Enthalt* no qual pode surgir o *Inhalt*. Isso supõe um despertar como consciência de horizonte, ou de ausência, consciência de distância sem a qual não haveria nenhuma impressão originária no sentido husserliano. Se a consciência é absorvida pelo voltar a si da extensionalidade, como acontece no sono, então já não há essa distância, esse horizonte, essa espacialização originária por meio da qual, e tão somente por meio da qual, as vivências existem. A consciência está, por assim dizer, inteiramente no fora, sem o retorno reflexivo sobre ela mesma que a transforma em con-(s)ciência, isto é, no sentido formado na visada intencional e no tempo. Isso significa que não é a consciência intencional do objeto que abre o presente mas, ao contrário, é o presente – ou, antes, como acreditamos, a presença – que se abre na e a partir da extensionalidade, em um início mais originário da temporalização na presença. A temporalização na presença do presente e da realidade efetiva é, a partir disso, *anterior* em relação *àquilo* que surge como presente na temporalização, e *ao que*, nele, dá-se como o conteúdo efetivamente real (*réel*). Ou ainda, a presença, junto *àquilo* que nela irrompe, é já de início um *horizonte* da temporalização no qual se mantém juntos realidade efetiva (*Wirklichkeit*), presente e extensionalidade. Isso significa que existe originariamente uma espacialização e igualmente uma despresentificação na própria percepção, e que isso é exatamente o que Kant pensou como sendo a imaginação na percepção, no seio da ‘dedução transcendental’ da primeira *Crítica*. Como Merleau-Ponty dirá mais tarde, a ausência importa para a presença, que só abstratamente se reduz ao ponto do *Zeitpunkt* ou do *Jetztpunkt*.

Ainda não terminamos de atravessar esse caminho escarpado. Se a despresentificação é originária, e se, como sabemos, ela articula de uma só vez a ‘recordação de presente’, a ‘rememoração’ e a ‘recordação antecipativa’, então isso significa que ela não apenas atua como espacialização originária da presença de mundo mas, na medida em que se trata aqui da *temporalização* na presença, ela atua também como abertura na oscilação dos horizontes do tempo como horizontes do passado e do futuro, visto que o horizonte da presença não pode existir sem esses últimos. Abertura em oscilação: somos tentados a dizer, com nossos termos, *intermitência fenomenológica*, na medida em que, assim, é a presença do mundo que se fenomenaliza como fenômeno, ao mesmo tempo com seu passado retencional e seu futuro protencional. Mas, é necessário mencionar de antemão, isso não é propriamente o que pensa Fink, uma vez que ele separa (e ab-strai), como o fez Heidegger na mesma época, a extensionalidade da fenomenalidade. Há em Fink, como em Heidegger, uma espécie de “hipóstase” do “transcendental”, na qual o mundo emerge como *Enthalt* e, aqui, os horizontes do passado e do futuro do mundo emergem como horizontes do “tempo vazio”, ou seja, do tempo por assim dizer “*enthaltlich*”, sem conteúdo. É este “tempo vazio” que oscila, a partir de sua retirada originária, na unidade de presente, extensionalidade e despresentificação. Há uma espécie de “tempo vazio” em oscilação na espacialização da presença, como há, igualmente, a espacialização no “tempo vazio” em oscilação: é esta espacialização que misteriosamente articula recordação de presente, rememoração e recordação antecipativa como dados no *mesmo* mundo.

Se há, portanto, temporalização na presença enquanto horizonte temporal do presente, isso se deve ao fato de que há, segundo a expressão de Fink, uma *debilidade* do tempo vazio. Em nossas palavras: consola⁷ original do horizonte da presença em relação aos outros horizontes do tempo, e consola que distancia a presença originariamente de si mesma ao abri-la a um vazio que desta vez apela espontaneamente por seu pleno preenchimento, visto que este vazio é ele mesmo como um apelo – no sentido de uma “rajada de ar”⁸ que convoca, apela – à presença que pode apenas persistentemente fugir por entre as protensões e retenções *mutáveis*. Há, portanto, dois tipos de *Wirklichkeit* (realidade efetiva): o primeiro, em sentido estrito, diz respeito à realidade que se atualiza em geral como vivacidade do presente que foge do abismo ou do precipício na oscilação da presença; o segundo, no sentido amplo, diz respeito ao *horizonte* do que se instaura na presença *por meio* da oscilação dos *horizontes* de passado e futuro transcendentais. Aí Fink retorna à rememoração da presentificação do passado e à recordação antecipativa de presentificação do possível, sobre o pano de fundo dessa oscilação. Dessa forma, na oscilação do “tempo vazio”, o todo do mundo necessariamente atua igualmente sobre a temporalização do mundo na direção do passado e sobre a temporalização do mundo na direção do futuro, irredutivelmente *a priori*, como um misto de *Wirklichkeit* (realidade) e *Unwirklichkeit* (irrealidade).

Em uma outra nota, Fink afirma que “o tempo vazio não é um tempo que contém a si mesmo, mas um momento estrutural essencial do tempo concreto” (Fink, 2008, p. 15), sendo o outro momento o fluxo intratemporal como o colocar em jogo (*Einsatz*) do ser: é preciso portanto pensar na “unidade de oscilação”, e Fink propõe a seguinte progressão: “I Futuro presente passado. II Unidade de oscilação e presentificação (tempo vazio e preenchimento do tempo). III Despertar como modo fundamental do tempo (*kinesis*).

⁷ “*Porte-à-faux*”, em português chamado de ‘cantiléver’ ou ‘consola’, é um tipo de instalação em que uma extremidade da estrutura serve de base à outra extremidade, que permanece suspensa, sem nenhum suporte imediato abaixo. Todo o peso da extremidade suspensa é, portanto, sustentado pela extremidade que lhe serve de base. As varandas de edifícios são um exemplo desse tipo de estrutura. [N.T.].

⁸ Jogo de palavras intraduzível. Richir emprega aqui a expressão “*appel d’air*”, traduzida por “rajada de ar”, que todavia ressoa o verbo ‘*appeller*’ no sentido do apelo, da convocação. [N.T.].



IV Sono como modo do tempo acinético. V Constituição do absoluto: *Tempus*” (Fink, 2008, p. 15). Mais adiante, numa classificação análoga, ele refina os pontos II e IV nos seguintes termos: “Oscilação de tempo e livre oferecer-se: debilidade. Tempo pleno e vazio. *Tempo e despertar* (intencionalidade de campo e despertar). Sono e tempo” (Fink, 2008, p. 17). Se nos recordarmos de que o “livre oferecer-se” é um modo a cada vez do espaço, isso significa que o espaço, nos seus modos a cada vez, irrompe como a debilidade (que se abre à intencionalidade de campo) dos horizontes do tempo na temporalização; mas, se compreendemos bem o pensamento de Fink, é sempre na temporalidade *em presença* que os outros horizontes do tempo oscilam. A debilidade, ele acrescenta em seguida, é o que faz da essência do tempo sua “preenchibilidade” ou sua “continência” (*Enthaltung*) (Fink, 2008, p. 18). Mas a doutrina de Fink permanece instável porque ele se sente obrigado a afirmar imediatamente: “o tempo é a unidade da oscilação quádrupla de passado, futuro, espaço, possibilidade e intencionalidade de campo (presente)” (Fink, 2008, p. 19). Isso significa que os horizontes primários do tempo são o passado – o passado transcendental (sempre transbordante: cf. *ibid.*), o passado da rememoração e o passado retencional – e o futuro – o futuro transcendental, o futuro da recordação antecipativa e o futuro protencional –, pois é na debilidade ou na consola desses horizontes primários que se desdobra, diante da presença e como sua condição de possibilidade, o espaço originário enquanto espaço de despresentificação da origem, o qual, por sua vez, é coextensivo à irrupção do possível, irrupção esta coextensiva à recordação de presente e à intencionalidade de campo na qual a presença, enquanto consola, é suscetível de se preencher indefinidamente de presentes perpetuamente fugidios, cuja vivacidade ou atualidade da fuga constitui a *Wirklichkeit* como uma espécie de *estrutura* horizontal *a priori* preenchível segundo a contingência dos encontros.

Nós optamos explicitamente por nos ater a esta versão como a versão definitiva do pensamento de Fink nessa época. Isso é de fato, como reconhecemos, um cume extremamente especulativo, uma concepção grandiosa, e não sejamos tão mesquinhos a ponto de enfadar nosso prazer diante de um pensamento tão ousado e tão original. A razão pela qual Fink não retomou esse pensamento após a guerra permanece, todavia, para mim, um enigma. De todo modo, visto que é de praxe, concluo com algumas observações.

II. Observações à Guisa de Conclusão

Insistamos, em primeiro lugar e sem mais delongas, visto que isso começa a se tornar conhecido graças aos exegetas do pensamento de Fink, na precocidade do seu interesse pelo problema do mundo e em sua insistência em arrastar a fenomenologia de Husserl na direção de uma *cosmologia*, de uma concepção inteiramente nova e sem dúvida igualmente difícil e problemática. O tripé tempo–espaço–mundo que vimos desde o início em ação atravessa, como se sabe, mais ou menos, e mais ou menos contra Husserl e contra Heidegger, o conjunto dos escritos de Fink. Ele portanto manteve, na posterioridade de Husserl, uma possibilidade da fenomenologia que não coincide com a possibilidade heideggeriana. É já deveras surpreendente, para que fique registrado, que hoje possamos felizmente recuperá-la da absorção de todo o “movimento fenomenológica” sob a soberania única de Heidegger.

A grande questão, muito mais importante, que surge aqui é a de saber em que sentido ou como a concepção finkeana da cosmologia permanece sendo fenomenologia – considerando que ela não é redutível, como se costuma crer, à sua versão husserliana. Não seria pertinente, um pronunciamento acerca da ortodoxia husserliana, a qual, como vimos, é nesse caso manifesta e abertamente transgredida. Há, no próprio espírito husserliano, tanto uma fidelidade boa quanto uma má a Husserl: a má fidelidade diz respeito àquela dedicada ao autor como escritor e ela nada tem de fenomenológico, uma vez que bem poderia ser dedicada a um autor inteiramente diverso, sem que sua natureza fosse alterada. A boa fidelidade é dedicada a determinada maneira ou a determinado estilo de formular as questões e os problemas – i.e., se o termo ‘fenomenologia’ não é uma palavra vã –, dedicada, afinal, a determinada atenção, absolutamente nova na tradição filosófica, aos *fenômenos em sua fenomenalidade*. Está aí certamente o ponto mais difícil, uma vez que não existe nenhuma definição clara e distinta – o que seria contraditório – da fenomenalidade dos fenômenos, senão talvez uma definição negativa, algo como sua *inapreensibilidade*; nesse sentido, Husserl teve uma experiência cruel com aquilo que ele nomeou “as vivências”, os fenômenos de sua fenomenologia.

No que acabamos de ver a respeito de Fink há qualquer coisa de “especulativo” e que parece ir de encontro ao que compreendemos como fenomenologia num sentido amplo. Encontramo-lo por acaso ao tematizar a “abstração” e mesmo a “hipóstase” dos horizontes – o que talvez já se deva à influência de Heidegger. Tem-se a impressão de escapar para fora do concreto da experiência, no abstrato de “algo” (*etwas*) que funcionaria sozinho, como pudemos observar na “maquinaria” heideggeriana de *Sein und Zeit*. É curioso que tenhamos nos sentido mais próximos de Fink quando fomos tentados a traduzir *Schwingung* por intermitência (fenomenológica, pois fenomenalizante) ao reconhecer de imediato a distância. Acrescentemos: há qualquer coisa nessa *Schwingung*, nessa oscilação da quintuplicidade na unidade do tempo, que preserva algo de fenomenológico na cosmologia de Fink na medida em que ela faz “se mexer” e “tremor”, no âmago do concreto, aquilo que, sem isso, seria de fato apenas a hipóstase metafísica de estruturas supostamente transcendentais. Certamente seria necessário sistematizar e ampliar a contribuição



de Fink em relação a Husserl, elaborar em particular a articulação, faltante em Fink, da espacialização do mundo com os horizontes do passado e do futuro transcendentais, mostrando que estes ainda se referem a horizontes do mundo – ou, como pensamos, de outros mundos, no plural. Enigmaticamente, Fink deixou isso indefinidamente em construção, por razões que pertencem apenas a ele, mas que fazem parte das razões filosóficas que podemos entrever em sua complexidade.

Uma dentre essas razões, sem dúvida, e talvez a principal, se deva ao fato de que, ao começar sua reflexão pela questão do status da *Unwirklichkeit* (e, correlativamente, da *Wirklichkeit*), Fink, dotado da força de irrupção de um gênio inocente e ainda muito jovem, desde o início virou do avesso os marcos clássicos da realidade e da irrealidade e, com isso, todos os marcos da língua clássica da filosofia. É preciso nada menos que uma reelaboração arquitetônica do conjunto da fenomenologia enquanto filosofia, por meio do abandono ou da *epochè* do privilégio do eixo *wirklich/unwirklich* (real/irreal), *seiend/unseiend* (ente/não-ente), presença/presente. Muitas páginas de *Presentificação e Imagem* e de alguns inéditos que citamos aqui permanecem ainda obscuros e complexos em função dessas reviravoltas, as quais provavelmente enlouqueceriam a *linguagem* clássica de Husserl (e, em vários momentos também a de Heidegger). É representativo que Heidegger também escreva, em 1928, a respeito da temporalização e da mundanização, da *Schwingung* (no *Metaphysische Anfangsgründe der Logik*) (Heidegger, 1978). Ele estava se confrontado, *mutatis mutandis*, com as mesmas dificuldades – sinal de que a fenomenologia estava, à época, à procura de uma nova linguagem (o problema retornaria em Fink em sua *VI. Meditação Cartesiana*), de uma linguagem portanto que, por assim dizer, *não realiza o transcendental (ou o existencial)*. Para essa nova realização havia somente a via, enigmática e problemática nesse contexto, da *Schwingung*, da “oscilação” do transcendental (ou do existencial). Mas mesmo isso é como a indicação de um cume último, que novamente deixa *tudo* a ser ainda pensado. Talvez esse problema tenha sido grande demais para um único homem, ou mesmo para toda uma geração. Mas se há um problema que permanece colocado para fenomenologia, é de fato este. Cabe a nós a ousadia de enfrentá-lo.

Referências

- Fink, E. (2008). *Phänomenologische Werkstatt, Teilband 2: Die Bernauer Zeitmanuskripte, Cartesianische Meditationen und System der phänomenologischen Philosophie* (EFGA 3/2). Freiburg: Alber.
- Fink, E. (2019). *Presentificação e Imagem*. Trad. Anna Luiza Coli. Londrina: Eduel.
- Heidegger, M. (1978). *Metaphysische Anfangsgründe der Logik (GA 26)*. Frankfurt a. M.: Klostermann.
- Husserl, E. (2017). *Lições sobre a consciência interna do tempo*. Tradutor desconhecido. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- Fink, E. (1992/3), “Sur le concept phénoménologique de Monde” (1930 et 1934). Esquisses pour l’écrit: Monde et concept de monde, une recherche théorétique du problème (1935)”, tradução de Marc Richir. *Les cahiers de Philosophie*, 15/16, 71-88.

Recebido em 19.08.2020 - Aceito em 19.09.2020